

# UMA FACE DESCONHECIDA DA METRÓPOLE: OS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO

Sidney Antonio da Silva\*

A capital paulista é conhecida em geral como uma cidade de migrantes, onde vários grupos étnicos se fazem presentes. Entre eles destacamos os imigrantes europeus, a partir da segunda metade do século XIX, os asiáticos e, finalmente, os latino-americanos e africanos.

Os motivos que os atraí a esta metrópole são os mais variados possíveis e seria o tanto quanto difícil enumerá-los sem cair no risco de empobrecer a rica experiência que a migração representa para cada indivíduo ou grupo social. Em geral o sonho que acalenta a todos é o de "vencer na vida", desafiando a si mesmos como também estruturas sociais que os impede de conquistar a tão sonhada independência. Mais recentemente, a metrópole passa a ser o lugar privilegiado onde é possível se viver uma variada gama de identidades, desenvolver capacidades profissionais, consumir uma variedade de produtos de alta tecnologia, estabelecendo relações dentro do amplo espectro do pluralismo étnico-cultural e religioso.

No entanto, a metrópole também apresenta o seu lado ambíguo, uma vez que, se por um lado, ela permite a realização de inúmeras possibilidades humanas, por outro, ela engendra um processo de desenvolvimento denominado por Marshall Berman(1994) de "faustico", semelhante a um trator incontrolável que passa por cima de tudo, destruindo memórias, identidades e segregando econômica, social e culturalmente grupos inteiros. Neste artigo, a partir dos dados etnográficos coletados

na cidade de São Paulo<sup>1</sup>, propomo-nos a penetrar o nosso olhar para além do aparente brilho que caracteriza a metrópole paulista, na tentativa de apreendermos o vivido por um grupo de imigrantes, os quais, por um lado, não são reconhecidos socialmente, em razão dos vários estigmas que lhes são atribuídos pela sociedade local, e por outro, não existem enquanto cidadãos, porque são indocumentados ou clandestinos. Trata-se dos imigrantes bolivianos, mais especificamente dos bolivianos indocumentados que trabalham no ramo da costura. A partir da experiência de clandestinidade, estes imigrantes constroem estratégias de sobrevivência, e ao mesmo tempo, organizam-se socialmente, recriando os seus valores culturais em vista da construção de uma nova imagem social de si mesmos.

## O Início do Processo Emigratório

A presença boliviana em São Paulo remonta ao início dos anos 50, quando vários trabalhadores qualificados ou não, aqui vieram em busca de melhores oportunidades de trabalho que seu país não podia lhes dar, em razão da conjuntura sócio-político-econômica instaurada no país em 1952 pelo MNR(Movimiento Nacionalista Revolucionário). Assim sendo, temos o caso de Rubem, natural de La Paz, o qual emigrou para o Brasil atraído pelo desejo de viver no Rio de Janeiro, uma vez que tinha vários amigos residindo por lá. Po-

rém, como trouxe poucos recursos, veio a São Paulo em busca de trabalho. Relatamos ele o início de sua experiência migratória:

*"Ahí yo llegué en una pensión aquí en la Rua San Caetano y dije a un señor se me podía conseguir algun trabajo, cualquier cosa que yo trabajaria. Ahí me dijo: 'No, yo no lo conosco'. Mas yo precisaba, porque mi dinero era corto para quedar en el Brasil. Ahí, yo salí un dia sin conocer las calles. Habia bondes en São Paulo, y pegué un bonde y mi llevó a un lugar diferente y mi perdi. Salí otro dia y no conseguí nada. Un dia lei una placa que decia: 'precisa-se de copa', y yo no sabia que era copa. Entonces pregunté, y me dijo que copa era quién atiende en el balcón. Entonces me preguntó: 'Usted sabe trabajar'? Le dije: sé. Nunca habia trabajado de copa, pero dije que sabia. Y ahí comencé a trabajar en la Rua da Graça (Bom Retiro) en un bar, con un señor israelita. Trabajé unos ochos meses con él"*.

Ao contrário de Rubem, há aqueles que vieram a São Paulo já formados ou para estudar em alguma universidade do País, como é o caso de Juan, um cochabambino que veio estudar engenharia e acabou ficando por aqui. Conta-nos ele que no início dos anos 60 já havia na cidade 70 médicos bolivianos trabalhando, muitos deles sem o CRM (registro no Conselho Regional de Medicina). Vale dizer que ainda hoje vários médicos enfrentam o mesmo problema, pois a obtenção do re-

gistro pode demorar até sete anos.

No entanto, a partir dos anos 80, com a crise do setor mineiro na Bolívia, com a concentração da terra no campo e o crescente processo inflacionário, o fluxo de bolivianos para o Brasil começou a aumentar, configurando hoje o maior grupo de latino-americanos na cidade de São Paulo, em torno de 100 mil bolivianos (VOZ, S. Paulo, N.07, Sep. 1992:05). O perfil dos que emigram também mudou, predomi-

Foto: Sidney da Silva



nando os migrantes laborais, os que emigram em busca de trabalho e acabam preenchendo as necessidades de mão-de-obra barata nas pequenas confecções de São Paulo. A faixa etária dos mesmos situa-se entre os 15 e 35 anos de idade, sendo que a maioria é do sexo masculino e o nível de formação é em geral médio-baixo. A origem da maioria é do altiplano, com predominância dos pacenhos, seguidos pelos orurenhos e potosinos; em seguida temos

os cochabambinos (dos Vales) e em menor número os de Santa Cruz de La Sierra. Vale ressaltar que muitos deles já haviam migrado dentro do próprio país para a área urbana e depois para o exterior. Outros, no entanto, vieram diretamente da zona rural, tornando sua adaptação em São Paulo ainda mais complexa.

Aqui em São Paulo, estes imigrantes concentram-se nos bairros centrais da cidade, como é o caso do Bom Retiro, Brás, Pari, Luz, Liberdade, etc., onde em geral estão localizadas as pequenas confecções pertencentes na maioria das vezes a coreanos, judeus, brasileiros e mesmo de próprios bolivianos. Vale ressaltar que estes bairros centrais eram em grande parte habitados por italianos, espanhóis, judeus, os quais passaram a ocupar outras áreas da cidade, na medida em que conquistaram a mobilidade social. No entanto, constatamos também a presença de bolivianos em vários bairros da periferia da cidade, uma vez que o preço da aluguel passou a expulsá-los da Zona Central. As condições de vida dos que trabalham nas confecções, em geral são precárias, uma vez que vivem em espaços reduzidos e com pouca ou nenhuma ventilação, ocupados pelas máquinas e pelos beliches onde dormem. Em razão da pouca ventilação e do pó que sai dos tecidos, corroborado pela pobre alimentação, é comum constatar casos de tuberculose, como também doenças nos rins, nos olhos, na coluna, sem contar os acidentes de trabalho, cujos ferimentos são tratados em casa com remédios caseiros, deixando por vezes sérias sequelas.

### **Enfrentando os desafios e criando estratégias de sobrevivência**

Frente aos desafios que a sobrevivência coloca ao imigrante boliviano na metrópole, este é estimulado a desenvolver algumas estratégias, em função da solução dos vários problemas enfrentados, como as relações de trabalho, a adaptação ao novo contexto sócio-cultural, o problema da documentação, etc. O primeiro desafio que os

imigrantes por nós pesquisados enfrentam, é o de aprenderem o ofício de costureiro, que implica não somente em adquirir a habilidade da costura, mas sobretudo em aceitar as regras do jogo, as quais não são as mesmas do contrato trabalhista. A lei que rege a relação entre empregadores e trabalhadores dentro do mesmo grupo é a da fidelidade étnica, a qual quando é rompida pelo trabalhador o seu empregador passa a exigir do mesmo todos os gastos que este teve para trazê-lo a São Paulo e em alguns casos, o intimida com ameaças. Nos casos em que a vinda do trabalhador é financiada, este assume uma dívida real e ao mesmo tempo moral com o seu empregador, em geral um compatriota, o qual passará a exigir do mesmo fidelidade, pelo menos por um ano. Além de financiar a viagem, o empregador fornece também casa e alimentação, criando assim, como afirma Bourdieu, uma íntima relação entre a dádiva paternalista e as obrigações criadas pelo endividamento simbólico. Neste sentido, segundo o mesmo autor, "a dádiva que não é restituída pode se tornar uma dívida, uma obrigação durável, e o único poder reconhecido-consubstanciado" (BOURDIEU, P. 1980:216). Cria-se, dessa forma, um forte controle sobre esta mão-de-obra, a qual se utiliza da estratégia da rotatividade no emprego para tentar romper este esquema de relações trabalhistas profundamente perverso.

Para os donos das confecções, uma das estratégias utilizadas é manter um mínimo possível de relações com os compatriotas, como também procuram limitar o contato dos seus empregados com outros costureiros, uma vez que segundo os mesmos há muito *miramiento* ou seja inveja, o que faz com que a competição entre os mesmos seja acirrada, chegando ao extremo de um compatriota denunciar o outro, sobretudo se este lhe "roubou" o empregado que lhe "pertencia". Por outro lado, o isolamento pode ser também uma estratégia de mobilidade social, uma vez que procura se distanciar de alguns estigmas de origem que lhe são atribuídos, os quais podem dificultar os seus projetos de ascensão social.

O segundo grande desafio é o problema da adaptação ao contexto da metrópole.

Considerando que o primeiro trabalho, em geral, se dá com um compatriota ou familiar, os impactos da chegada podem ser minorados, pelo fato de estar dentro de um enclave étnico, onde se fala a mesma língua e se partilha os mesmos costumes. Porém, na medida em que se vão criando novas relações com outros compatriotas ou com a sociedade local, novas redes de relações sociais são construídas e instrumentalizadas pelos mesmos, em função da resolução dos seus problemas. E nesta relação com o novo contexto sócio-cultural, estes acabam incorporando outros valores culturais, como a maneira de vestir, uma vez que manter o mesmo estilo do país de origem contribuiria para acentuar ainda mais o estigma étnico, por serem identificados como índios. Neste sentido, o imigrante sofre um processo de "desnudamento" cultural, uma vez que é orientado a assumir uma outra forma de trajar, mais adequada aos padrões da metrópole. Assim sendo, os homens são aconselhados a trocar as roupas escuras usadas no altiplano por roupas mais leves e de tonalidades mais claras, como o usual blue jeans, malhas e o tênis. Da mesma forma, são orientados a adquirir o hábito da poupança, não gastando com vícios, como também a preocupar-se mais com o aseo pessoal. Por seu turno, as mulheres procuram escamotear a sua maneira própria de vestir, como é o caso das *cholitas*<sup>2</sup>, as quais usavam a *pollera*<sup>3</sup>, que é um tipo de saia com várias pregas, chegando até os joelhos em Cochabamba e abaixo destes em La Paz, por uma simples saia, em geral cobrindo os joelhos. Se a *pollera* é substituída por uma saia ou vestido, os cabelos longos por sua vez são mantidos, e em alguns casos também o costume de se fazer duas tranças. Além das mudanças na indumentária, a inclusão de novos hábitos alimentares constitui também um dos elementos deste processo de mudança cultural, visto que não estavam acostumados a comer, por exemplo o feijão, cuja ausência desta proteína na alimentação dos mesmos produz casos de debilitamento físico. Na verdade, tal processo de "desnudamento" constatado também por José S. Leite Lopes, na tecelagem Paulista (Pernambuco) é um processo mais amplo, uma vez que implica na "separação dos grupos de trabalhado-

res aliciados vis a vis de seus bens, de suas coisas, de sua concepção de tempo, de suas condições usuais de produção e de reprodução social(...). (LOPES, J.S.L., 1988:45)

O terceiro desafio diz referência à obtenção da documentação, este mais difícil de ser resolvido, porque a Lei dos Estrangeiros ainda vigente no País, aprovada no período militar, só concede a permanência àquele que ingressa com um contrato de trabalho, ou que esteja casado com um cônjuge brasileiro ou ainda que tenha um filho brasileiro no país. Neste sentido, constatamos vários casos em que casais optaram por esta última solução, inclusive tendo aguardado para ingressar no Brasil alguns meses antes do nascimento do próximo filho. O casamento por conveniência também é uma estratégia utilizada, bem como a prática de adquirir uma nova Certidão de Nascimento no País. Outra forma não legal é a da compra do documento, pagando altas somas pelo mesmo. Para os que podem regularizar a sua situação, o grande problema enfrentado são as pesadas multas, incidentes sobre o tempo de permanência em situação irregular, as quais são corrigidas de acordo com a UFIR (Unidade Fiscal de Referência), chegando a valores de até 500 reais ou mais por pessoa. Trantando-se de uma família com quatro pessoas, os gastos são bastante elevados para as possibilidades econômicas da maioria. Em decorrência da situação jurídica em que vive grande parte dos latino-americanos em São Paulo, advêm outros empecilhos a que o imigrante é obrigado a enfrentar no seu dia-a-dia: dificuldade para alugar um imóvel, uma vez que ninguém se dispõe a ser o seu fiador; impossibilidade de abrir uma conta bancária; impossibilidade de reclamar o cumprimento dos mínimos direitos trabalhistas, fatos que tornam o imigrante vulnerável a toda e qualquer arbitrariedade.

A partir destas condições peculiares enfrentadas pelos bolivianos e outros latino-americanos em São Paulo, estes começam a construir os seus próprios espaços, onde seja possível "sentir-se em casa" e, ao mesmo tempo, reconstruir os seus valores culturais, a partir de uma nova concepção de tempo e espaços vividos na metrópole.

## Criando novos espaços e recriando simbolicamente "cantitos" da Terra Natal

O ritmo de vida vivido pelos bolivianos que trabalham no ramo da costura, acaba contribuindo para a criação de uma nova concepção de tempo, uma vez que na metrópole o tempo é o tempo da produção, e também de uma nova forma de percepção do espaço, isso porque as dimensões da cidade e a falta de oportunidades para o lazer obriga-os a criarem os seus próprios espaços, os quais passam a ser frequentados quase que exclusivamente pelo grupo.

Entre os espaços criados por eles, constata-se uma variada rede de bares, restaurantes, campos de futebol na Região Central da cidade, como também verifica-se a apropriação de outros como é o caso da Praça Padre Bento, mais conhecida como Praça do Pari. Desta forma, estes vários espaços, que na verdade não são apenas espaços de lazer ou de degustação de pratos típicos, mas também espaços de intensa sociabilidade, onde são estabelecidas uma variada gama de relações, sejam elas de amizade, de parentesco, de troca de informações sobre novos empregos, ou sobre a situação do país de origem, ou até mesmo de caráter amoroso, configura-se no que José G. Magnani(1992), denomina de "pedaço".

Neste sentido, a Praça do Pari é um exemplo típico de um espaço múltiplo na cidade, o qual se configura em um "pedaço" boliviano somente aos domingos à noite, quando eles começam a chegar silenciosamente e aos poucos vão tomando conta do mesmo. No entanto, na própria praça há espaços bem demarcados, uma vez que a parte central e o lado leste da mesma são ocupados pelos bolivianos e outros latino-americanos, enquanto o lado oeste é ocupado pelos brasileiros e outros imigrantes, árabes e judeus. Esta praça tornou-se conhecida como o mais importante mercado de mão-de-obra clandestina a céu aberto da cidade, após várias reportagens da imprensa local. Além de ser um espaço de contratação de mão-de obra, de

troca de informações entre os imigrantes, a praça é também um espaço onde alguns elementos culturais tornam-se visíveis, como a venda de comida típica, como por exemplo, a *salteña*, o pão típico, o sanduíche de chola (com carne suína), a venda de artesanato, como também tem sido algumas vezes o palco de manifestações religiosas.

Outro espaço muito frequentado é o dos campos de futebol, nos bairros do Bom Retiro, Pari, Casa verde etc., para onde, em sua maioria os homens, acodem em busca de um momento de lazer. Porém, estes espaços não são exclusivamente masculinos, uma vez que as esposas, filhos, amigas e amigos, acabam também se apropriando dos mesmos. Neles, além da venda de comidas típicas e roupas, os imigrantes bolivianos comemoram datas importantes, como o Dia das Mães, no dia 27 de maio e o Dia da Pátria, 06 de agosto, realizando compeonatos, com a participação de várias equipes, inclusive de outros países. Alguns destes espaços são coordenados pela Associação de Residentes Bolivianos (ADRB), a mais antiga na cidade, fundada em 1969, a qual congrega profissionais liberais, comerciantes, donos de confecções e costureiros. Além desta, existem ainda duas outras associações, o Círculo Boliviano, que congrega os profissionais liberais e empresários e o Centro de Residentes Cruzeños (CERECRU), que congrega os profissionais de Santa Cruz. Cite-se ainda, que um grupo de profissionais criou, em 1992, uma fundação com o objetivo de conceder bolsas de estudos a pessoas carentes da comunidade. No entanto, por falta de recursos tal intento não foi alcançado. Esta diversidade de associações revela, na verdade, a heterogeneidade existente entre os bolivianos, cujas diferenças sociais e culturais são remarcadas e visíveis nas festas organizadas por eles, nos espaços frequentados e até mesmo na forma de se auto-identificarem, uma vez que os do altiplano são denominados de *collas* e os do oriente de *cambas*<sup>4</sup>.

Quanto aos espaços onde é possível agradar o paladar com os pratos típicos da Terra Natal, temos uma variada rede de bares e restaurantes, os quais se concentram sobretudo na Região Central da cidade, como nos bairros da Luz, Campos

Eliseos, Bom Retiro, etc. Todos estes espaços são frequentados majoritariamente por bolivianos, os quais demonstram um certo desconforto quando há a presença de outras pessoas, sobretudo de peruanos, uma vez que estes são tidos como elementos provocadores de desordem. Além de se degustar algo típico do país de origem, ouvir músicas bolivianas ou dançar algum baile típico, estes lugares procuram recriar simbolicamente "pedaços" do país de origem, através do próprio nome, como é o caso do restaurante "Rincón Llajta", cujo nome em língua quechua quer dizer "um pedaço da cidade". Desta forma, como enfatiza a sua proprietária, uma cochabambina, este local quer ser um pedacinho da Terra Natal em São Paulo. Relata-nos ela:

*"Este ambiente con musica, pequeñas cositas, ni de lujo ni nada. Mas cada cuadro que tengo trae un cantito de nuestra tierra, no! Entonces quien sea que venga se sienta que está en Bolivia, en un cantito de Bolivia. Por eso, se llama Rincón Llajta"*.

Outro espaço frequentado não só por bolivianos, mas também por vários grupos de latino-americanos que vivem na cidade, é o Centro Pastoral dos Migrantes N. Sra. da Paz, cuja sede se localiza à Rua Glicério, no centro da cidade. Este espaço, aberto a todos os latino-americanos a partir do final dos anos 70, foi uma iniciativa dos missionários Scalabrinianos, cuja finalidade na época era acolher os refugiados políticos do Cone Sul. Com o final dos regimes autoritários o perfil dos imigrantes mudou e a Pastoral do Migrante procurou ampliar o âmbito de sua ação, propiciando aos mesmos um espaço para a recriação de seus valores culturais e religiosos, além de oferecer um plantão permanente para atendimento pessoal e assessoria jurídica.

O desafio que hoje se apresenta à Pastoral do Migrante é o de ser um espaço aberto ao diálogo intercultural, o que nem sempre é possível, uma vez que os regionalismos e questões históricas ainda não resolvidas, acabam dificultando tal diálogo, como também o de ser uma mediação entre o imigrante e a sociedade local, uma vez que este por sua situação peculiar não tem acesso a algumas instituições, sobretudo as de caráter jurídico.

Há ainda outros lugares onde é possível entrar em contato com elementos da cultura boliviana, como o Memorial da América Latina, a Praça da República, no centro da cidade, Festa das Nações, aniversários de cidades, etc., cujos elementos culturais são expressos pelos grupos folclóricos existentes na cidade, como o "Raza Índia", o "Kantuta", etc.

## Recriando valores e identidades

A conquista de espaços próprios pelos imigrantes significa também a possibilidade de se recriar valores culturais em um novo contexto, muitas vezes adverso, os quais passam a dar sentido à vida dos mesmos e a caracterizá-los enquanto grupo social, em busca de uma nova imagem de si mesmos.

Neste sentido, além de ter que lutar pela sua sobrevivência, o imigrante boliviano pode se deparar muitas vezes com vários estigmas, ou atributos extremamente negativos, como os denomina Goffman (1975), que lhe são imputados pela sociedade local, tornando ainda mais desafiadora a sua luta pela vida na metrópole paulista. Entre estes estigmas destacamos o da droga, que os persegue por toda parte, sobretudo os mais pobres, uma vez que para a polícia todo boliviano é um suposto traficante, até que prove o contrário. Tal imagem depreciativa aparece de diferentes formas, através dos meios de comunicação social, das insinuações do dia a dia, em que se diz: "Você tem a branquinha", ou ainda através das inúmeras batidas realizadas pela polícia nas ruas da cidade e nas rigorosas revistas nos aeroportos do País e no Exterior. Tal estigma, talvez seja reforçado pelo hábito cultural de se mascar a folha da coca, sobretudo entre os camponeses na Bolívia, como também nos rituais de adoração das forças da natureza, como a oferenda à **Pachamama** (a mãe terra, fonte da vida e lugar das relações de reciprocidade), e ao **Tio** (deidade subterrânea dona dos minerais onde atuam as companhias mineradoras de capital estrangeiro e, portanto, lugar das relações capitalistas de produção). Além de ser considerado um suposto traficante, o imigrante boliviano é

também identificado como índio, devido as suas características físicas, como a baixa estatura, a cor da pele escura, os cabelos negros, os olhos levemente fechados, constituindo o que Oracy Nogueira (1985) denomina de "preconceito racial de marca", uma vez que é determinado pelos traços físicos. Desta forma, o estigma de origem étnica acaba se transformando também em estigma racial, devido a cor da pele dos bolivianos oriundos do altiplano. Embora os oriundos do oriente boliviano (Santa Cruz), sejam de pele branca, o que os isentaria do estigma da cor, no entanto, algumas características físicas, como a cor do cabelo e os olhos levemente puxados, acabam revelando a sua origem étnica, herdada do variado mosaico étnico que compõe a sociedade boliviana.

E para tornar ainda mais difícil a vida do imigrante, acrescentam-se os estigmas de ordem social e jurídica. O primeiro é decorrente da forma como o brasileiro o vê, ou seja, como índio e, portanto, pobre e de "pouca cultura". Além disso ele é visto como um bebedor, uma vez que é possível vê-los alcoolizados pelas ruas da cidade. No entanto, tal comportamento deve ser analisado dentro do contexto adverso em que está inserido o imigrante, cujo trabalho como costureiro não é reconhecido socialmente. Quanto ao de ordem jurídica, este é visto pelo Estado brasileiro como um infrator, por estar trabalhando ilegalmente, cujo "delito" é punido com rigor.

O problema é que estas identidades negativas não são explicitadas abertamente, nem pelo imigrante, o qual diz que o brasileiro é "cordial", e que portanto, não discrimina, e nem pela sociedade, a qual se manifesta de forma dissimulada. Situação distinta foi encontrada por Roberto Benencia e Gabriela Karasik (1994) na Argentina, onde a discriminação é aberta



Foto: Sidney da Silva

ao imigrante boliviano, sendo identificado como **villero**, ou seja, aquele que vive nos bairros pobres da cidade.

A partir desta situação desfavorável, o imigrante boliviano é estimulado a resignificar a sua identidade étnica, e para isto ele se vale de alguns valores culturais, os quais são recriados em um novo contexto, dando assim um novo sentido à sua identidade pessoal e grupal. Desta maneira, a recriação dos **presterios** passa a ser uma forma comum de se resignificar a sua identidade boliviana e manifestá-la à sociedade local. O **presterio** é uma instituição em que cada ano um festeiro assume o compromisso de realizar uma festa, de algum santo do santoral católico, como a Virgem de Copacabana (padroeira nacional), a Virgem de Urkupiña (devoção original de Cochabamba), San Martin de Porres, devoção de origem peruana e muito popular na Bolívia.

Portanto, passar a festa assume uma grande importância dentro da comunidade, isto porque, em primeiro lugar, ser **preste** significa que já se atingiu uma certa condição econômica, uma vez que a reali-

zação da festa implica em muitos gastos. Neste sentido, a festa seria uma forma de se conquistar o tão sonhado reconhecimento social, em geral não alcançado fora do grupo étnico. Por outro lado, a festa possibilita também criar laços de compadrio e reciprocidade, uma vez que o festeiro nomeia vários padrinhos para ajudá-lo na realização da festa, como o padrinho para a orquestra; para a decoração do altar; para os **cargamentos** (adornos dos carros que participam da procissão: tecidos multicoloridos, objetos de prata, quadros de Santos ou de heróis nacionais, flores, bonecas com jóias, etc.); para o manto da Santa, o qual é trocado todos os anos; para os foguetes; para os arcos de flores, etc. É costume também reunir os compadres todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, para fazer a novena à Virgem ou Santo e preparar a festa. Em geral estes encontros acontecem à noite na casa do festeiro, o qual oferece um jantar com algum prato típico, regado com muita bebida e música boliviana. A "doação" concedida pelos compadres ao festeiro deverá ser devolvida por este aos vários compadres quando estes realizem a sua festa, recriando assim um valor cultural dos camponeses na Bolívia que é o **ayni**<sup>5</sup>. No entanto, entre os camponeses esta instituição era uma forma de trabalho emprestado em tempos de semeadura ou colheita, enquanto atualmente implica um senso de interesse econômico, uma vez que aquele que recebeu o empréstimo deve devolvê-lo em dobro, em um momento oportuno (NASH, J.1979:111).

Além da condição econômica, outro critério para a escolha do **preste** ou **passante** é o da pertença ao círculo de amigos, uma vez que o atual festeiro é quem indica aquele que o será no futuro, formando assim uma lista de nomes. Às vezes esta lista é quebrada, com a inclusão de outros nomes, fato este gerador de conflitos. A ingerência da Igreja na organização destas festas de caráter eminentemente popular, exigindo por exemplo que o **preste** seja casado, também é motivo de tensão.

Vale ressaltar, no entanto, que estas festas constituem um espaço de intensa sociabilidade e comunhão de valores, como a reciprocidade criada entre eles, o sentido da ausência de limites, expresso na abundância da comida e sobretudo da bebida, a

qual não pode faltar, constituindo assim um momento privilegiado em que as várias identidades regionais se fundem em uma única identidade: a de ser boliviano em São Paulo, com todas as suas implicações. Tal identidade se expressa através dos vários símbolos utilizados na festa como a própria imagem da Santa, a qual é trazida da Bolívia, a bandeira nacional, a música folclórica, cujo ponto culminante da festa é a dança de uma **cueca**<sup>6</sup> entre os passantes, os vários enfeites e até mesmo uma bebida com as cores nacionais. Todo este contexto simbólico contribui para que uma nova identidade boliviana venha à tona, a qual é manipulada pelos mesmos em vista da criação de uma nova imagem de si mesmos perante a sociedade local.

Portanto, a partir dos dados etnográficos levantados, podemos dizer que as relações estabelecidas no âmbito do trabalho bem como a recriação de elementos da religião popular, fundamentados nas relações de parentesco, de compadrio e de apadrinhamento constituem os pilares sobre os quais o grupo reconstrói identidades, em resposta ao processo de estigmatização sociocultural enfrentado pelo mesmo. Na verdade isso expressa um processo maior de exclusão produzido pela nossa paradoxal modernidade, do qual são excluídos não só os bolivianos, mas também grandes contingentes de migrantes internos e minorias étnicas que vivem na sociedade brasileira.

\* **Sidney A. da Silva** é **Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação para a Integração da América Latina da USP e membro da equipe da CEM.**

## NOTAS

- 1- Os dados etnográficos aqui utilizados são fruto de uma pesquisa que está sendo desenvolvida pelo autor, em função de uma dissertação, já em fase conclusiva. Vale ressaltar que a pesquisa priorizou os imigrantes indocumentados e clandestinos que trabalham no ramo da costura, cujo mercado de trabalho é marcado por um alto grau de informalidade e exploração.
- 2- Segundo BARRAGÁN, o termo "cholo" no final do séc. XVIII designava os filhos de mestiços e índios, e em geral os mestiços que se encontravam muito próximos da sociedade indígena. Vale ressaltar ainda, que segundo a mesma autora, o termo "cholo" é amplamente rejeitado tanto pelos homens quanto pelas mulheres, uma vez que este termo é utilizado pela classe dominante para identificá-los, assumindo assim uma conotação negativa. Desta forma, as mulheres se auto-identificam como "cholitas" e não "cholas"(Cf.

BARRAGÁN, Rossana. Entre Polleras, Lliqllas y Nañacas. Los Mestizos y La Emergencia de La Tercera Republica. In: *Etnicidad, Economía y Symbolismo en Los Andes*. VV. AA. La Paz, HISBOL/IFEASBH-ASUR, 1992, pp.85-127).

3- A pollera é uma indumentária de origem espanhola, amplamente usada pelas mulheres de La Paz no séc.XVIII, a qual passou por várias modificações ao longo do tempo, sendo hoje usada exclusivamente pelas cholitas. A origem da palavra, pode advir do sentido que se dava à palavra pollera, a qual era uma espécie de cesto de bambu em forma de cone, que se utilizava para guardar os "pollos" (frangos)(Cf. BARRAGÁN, R., Idem, Ibidem).

4- As diferenças culturais e a luta pelo poder entre os bolivianos que vivem no Altiplano e os do Oriente boliviano remontam ao reino dos incas, os quais foram superados pelos moxos e os tupi-guaranis nas proximidades dos Andes Orientais, cujo fato deu origem a uma profunda divisão entre o mundo ocidental e o oriental, como também formas preconceituosas de se auto-identificar.

5- O "ayni" tem como raiz a palavra Aylliy: quechua, verbo infinitivo: ajudar. Segundo Isabel Laumonier, esta é a forma de se chamar a doação que o padrinho do ano em curso recebe da parte do padrinho do ano anterior. O sucesso de algumas cooperativas agrícolas do Sul da Província de Buenos Aires, pode estar relacionado também ao fato de que são formadas por camponeses bolivianos acostumados à esta metodologia (Cf. LAUMONIER, I., "Festividade de Nossa Senhora de Copacabana: Motivo de união dos Bolivianos na Argentina". In: TRAVESSIA, São Paulo, CEM, 1991, N. 11, pp.27-36).

6- A "cueca" é uma das danças mais tradicionais da Bolívia e a sua origem provavelmente estaria na dança espanhola da Jota Aragonesa, em que a cueca teria sido uma adaptação nativa daquela dança, substituindo-se as castanholas pelo lenço. A dança é executada em pares, frente a frente, com o lenço sendo agitado no alto pela mão direita. O homem cerca a mulher de um lado e do outro. Esta, por sua vez, vaidosa se esquivava. O homem corteja a companheira que ao fim se rende ajoelhando aos seus pés. É, portanto, uma dança que representa o namoro.

## BIBLIOGRAFIA

- 1- BENENCIA, R.; KARASIK, G., Bolivianos en Buenos Aires: aspectos de su integración laboral y cultural. In: "Estudios Migratorios Latinoamericanos", año 9, N. 27, CEMLA, Buenos Aires, 1994, pp.261-298.
- 2- BERMAN, M. *Tudo o que é Sólido desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 11a ed.
- 3- BOURDIEU, P. Les Mode de Domination. In: *Le Sens Pratique*. Paris, Ed. Minuit, 1980, pp.209-231.
- 4- GOFFMAN, E. *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1975.
- 5- LOPES, J.S.L. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe "na cidade das chaminés"*. São Paulo, Marco Zero/UNB, 1988.
- 6- MAGNANI, J.G.C. Da Periferia ao Centro: Pedacos & Trajetos. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 1992, V.35, pp.191-203.
- 7- NASH, June. *We eat the Mines and the Mines eat us. Dependency and exploitation in bolivian tin mines*. New York, Columbia University Press, 1979.
- 8- NOGUEIRA, Oracy. *Tanto Preto quanto Branco. Estudos de Relações Raciais*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1985.
- 9- KLEIN, H.S. *Historia de Bolívia*. La Paz, Editorial "Juventud", 1994, 5a. ed.